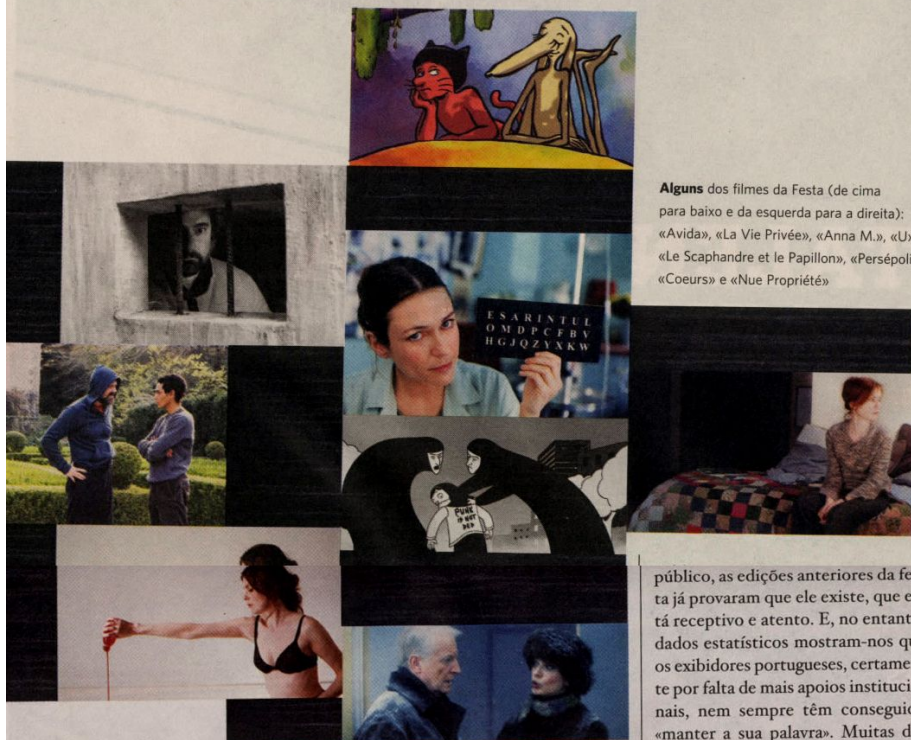


30/31 cinema



Alguns dos filmes da Festa (de cima para baixo e da esquerda para a direita): «Avida», «La Vie Privée», «Anna M.», «U», «Le Scaphandre et le Papillon», «Persépolis», «Coeurs» e «Nue Propriété»

OITO ANOS DE «QUALITÉ»

Seis cidades portuguesas acolhem a Festa do Cinema Francês, que nos traz um pouco de tudo o que o Hexágono produz, do «film d'auteur» ao cinema mais popular

A Festa do Cinema Francês já se tornou um hábito em cada mês de Outubro e é uma das marcas que assinalam a «rentrée» com maior simpatia. O Institut Franco-Portugais (IFP), que tem este ano nova direcção artística (Elsa Cornevin sucede a Dominique Chastres), volta a organizar um evento dinâmico que tem trazido a Portugal um pouco de tudo o que anualmente o Hexágono produz, do «film d'auteur» ao cinema mais popular, com assinalável êxito de público.

Para que serve esta festa? Divulgar, em primeiro lugar, um cinema francês com cada vez maior dificuldade de implementação no circuito comercial do nosso país. Quanto ao

público, as edições anteriores da festa já provaram que ele existe, que está receptivo e atento. E, no entanto, dados estatísticos mostram-nos que os exibidores portugueses, certamente por falta de mais apoios institucionais, nem sempre têm conseguido «manter a sua palavra». Muitas das antestreias apresentadas na festa nestes últimos oito anos acabaram por não chegar às salas, tão-pouco à edição DVD. Talvez tenham sido preteridos, por exemplo, por subprodutos americanos de fraca qualidade... O facto é preocupante. A França é o único país da Europa com uma política de promoção do seu cinema no estrangeiro organizada de raiz, e mesmo assim são muitas as dificuldades. Julgamos que o IFP poderia aproveitar este evento para discutir-lo, talvez pela organização de debates que reunissem profissionais de todos os quadrantes do sector, exibição inclusive. Fica a ideia.

Esta 8.ª edição da Festa começa na quarta-feira, dia 3, no São Jorge, em Lisboa, onde será exibida a totalidade dos 23 filmes. O de abertura é o «nouvellevaguiano» *Les Chansons d'Amour*, quarta longa-metragem de Christophe Honoré, exibida na competição de Cannes 2007, e produzida por Paulo Branco (pelo menos, graças às salas de Branco, este filme estreará certamente...). A Cinemateca Portuguesa junta-se mais uma vez ao acontecimento com um programa paralelo muito sugestivo (22 filmes ao longo de todo o mês de Outubro), dedicado ao «polar», o modo como a França designa os seus filmes policiais (estão no

programa clássicos de Chabrol, Renoir, Melville, etc.). Após o São Jorge, a Festa passa para Évora, Almada, Coimbra, Faro e termina no Porto, no final do mês.

Um olhar transversal ao programa nota a ausência de algumas produções francesas de estima, já trazidas e elogiadas nestas páginas pela crítica do «Expresso», e que a festa poderia ter incluído: *Ne Touchez Pas la Hache*, de Jacques Rivette, ou o novíssimo *Les Amours d'Astrée et de Céladon*, de Eric Rohmer. Duas obras-primas! Mas, lá está: estarão os direitos de exibição desses filmes comprados para Portugal? Deverá a festa, para alargar o seu raio de acção, ir além dos designios, ou das promessas, dos nossos exibidores? Por falar de obras-primas, destaque-se a passagem do sublime *Coeurs*, de Alain Resnais. O filme anterior de Resnais, *Pas Sur la Bouche*, de 2003 (também por estreitar em Portugal) foi igualmente integrado no programa. Temos depois um leque muito variado, de *Grávida*, de Alain Robbe-Grillet, ao polémico documentário sobre o advogado Jacques Vergès («Comunista, anticolonialista, de extrema-direita?»), *L'Avocat de la Terre*, assinado por Barbet Schroeder. *Dialogue avec Mon Jardinier* (Jean Becker), *Ensemble, c'est Tout* (Claude Berri) ou *Je Crois que Je l'Aime* (Pierre Jolivet) traçam comédias que não escondem as tentações pelo «box-office». *Mon Colonel*, de Laurent Herbiet, e *Naissance des Pieuvres*, este último estreado na «Quinzena» de Cannes, testam o vigor das primeiras obras. Última nota para a passagem do já famoso *Persépolis*, filme de animação premiado em Cannes e realizado por Marjane Satrapi e Vincent Paronnaud. Esta história, vagamente autobiográfica, conta as aventuras de uma miúda que atravessa a história recente do seu país, o Irão, da queda do regime do Xá à implementação da República Islâmica. O filme estreará nas salas, até ao fim do ano, pela nova empresa Midas, que assim se lança no circuito de exibição após a experiência no mercado de DVD.

(Mais informações em www.festadocinémafrances.com)

Francisco Ferreira
actual@expresso.pt